



Sonhar-te e(m) vidas. (Des)narr-ar...
(*Dream-art (i) 'n lives. (Un)weaving...*)

Elenise Cristina Pires de Andrade *
Alda Regina Tognini Romaguera **

Resumo

“Minha alma de sonhar-te anda perdida”. Lançamo-nos às cores, aos sentidos do non-sense, à fuga à representação. Como explorar em sons, conhecimentos, pensamentos esses ARes com a filosofia de Deleuze? Pretender ex-vaziAR na potência de vida do insuportável da negação. Esparra-mar-se na experimentação política de Bartleby: *I would prefer not to*. VentAR na experimentação por sonhos, sombras, restos. CriAR-te e(m) educação-pensamento numa (des)narrativa a fabular vidas pelas escritas e imagens.

Palavras-chave: imagens; fabulação; educação; arte.

Abstract

My soul has been lost (i)n dreams art. We have aimed colors, senses of nonsense, escapes from the representation field. How can one explore sounds, knowledges, thoughts, airs with Deleuze’s philosophy? Intending to drain in the potency of life of the unbearable denial. Flowing all over in Bartleby’s political experimentation: *I would prefer not to*. Blow(IN)g experimentation through dreams, shadows, remaining. Creat(in)g (i)n education think(in)g (un)weaving narratives, fabulating lives with/through writings and images.

Key-words: images; fabulation; education; art.

* Professora da Universidade Estadual de Feira de Santana (Uefs, BA), junto ao Departamento de Educação (Dedu). Endereço postal: Uefs, DEDU (Departamento de Educação), Av. Transnordestina, s/n; CEP 44036-900, Feira de Santana-BA. E-mail: nisebara@gmail.com

** Professora nos cursos de Licenciatura em Artes Visuais na FAAL e Pedagogia na FACP. Endereço postal: Rua Prof. Dr. Max Kaufmann, 42; CEP 13087-690, Campinas-SP. E-mail: aldaromaguera@hotmail.com

(Des)narrações (javélicas?)

(Des)narr-AR

CUT CUT CUT

lâmina em papel,

restam restos, restAR

Mol(des)-pedaços

CriAR-te

MurmurAR

Murmurinhar

murmurágua

murmúrio d'água

nas páginas

casalhAR

cascos em cascalhos

cascatear rios

risos

mARulhAR

ventos de lápis em letras

e salamaleques



Imagem criada por Fernanda Pestana, 2011 como parte da iniciação científica “Educação visual, design e minoridade: foto(des)montar os padrões da divulgação científica” (Fapesp nº 2010/08932-1), inserida no projeto “Escritas, imagens e ciências em ritmos de fabul-ação: o que pode a divulg-ação científica?” (MCT/CNPq nº 478004/2009-5), do Labjor-FE-Unicamp e Uefs.

Sonhar com tesouras “cut cut cut” a reverenciar-nos com salamaleques coloridos. “Que a paz esteja contigo”¹ poderia responder à contorcida tesoura um árabe que a vislumbrasse através da janela de sua tenda. Será que somente em sonhos nos permitiríamos perdermo-nos pelas cores, dores, (im)possibilidades de escritas e paisagens e personagens ‘sem sentido’?



Frames congelados do trailer de *A origem*, 2010, Christopher Nolan

¹ A expressão salamaleque, segundo o site “Dicionário Informal”, disponível em <<http://www.dicionarioinformal.com.br/buscar.php?palavra=salamaleque>>, vem da expressão árabe “as-salaamu aleikum”, que significa “Que a paz esteja contigo”.

Dobras impossíveis! Salamaleques de prédios... Que paz seria essa a desconfigurar o que se pretende como normalidade? Dobras e salamaleques que apagam a distinção entre o verdadeiro e o falso e potencializam a criação. “Cut cut cut” cortando imagens do trailer de *A Origem* (2010)², dirigido por Christopher Nolan, que nos presenteia com um roteiro sensacional, literalmente onírico, fabuloso. Que dobras e salamaleques nos proporcionam as imagens sonhadas de Nolan nas (des)narrativas dos *Narradores de Javé*³? “Cut cut cut”, cortando um interior da Bahia que existe e não existe. Que sofre e que ri. Que é desalojado e desacreditado. Que narrações seriam essas? Seria possível (des)colar da narração sua força-memória, e lhe dar a chance de fabular? Sem a pressão da verdade, *da história grande*, na ex-pressão?

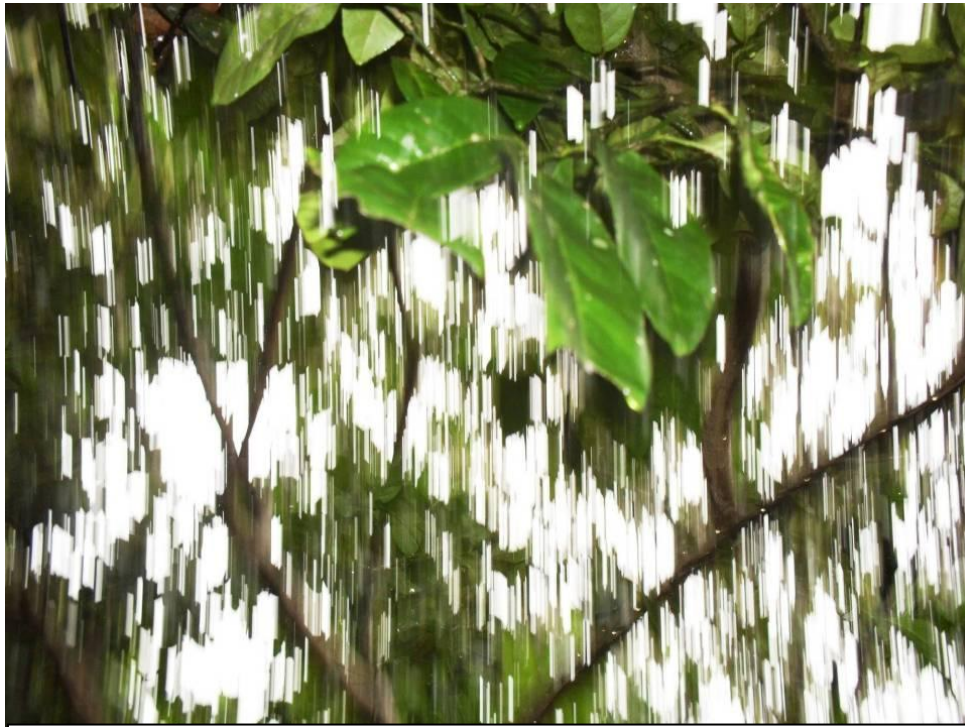
Fabular em imagens, como a proposta de Andrade e Speglich (2010) junto ao pensamento de Gilles Deleuze, em que “(...) a fabulação nos remete às ideias de poder e força de criação no desaparecimento da distinção entre o verdadeiro e o falso. Fabulação que remete, também, à instalação de um devir” (p.4). Devir em histórias mínimas que não cessam de acontecer e, nesse acontecimento, (se) expressam, sem pressa. Escolha política e estética de investir no procedimento da fabulação.

Oiá, oiá...

Encontros e desencontros com imagens, fotos, sons, nuvens, luzes, águas, gentes, memórias, lugares, que por lá e cá correm e escorrem. Ex-correm na intensidade da fabulação, do verde, do borrão, “(...) levando as faculdades ao seu extremo e provocando a possibilidade de nos instalarmos em devir. Em um potente vir-a-ser que não se liga nem a lembranças, nem ao vivido, nem ao que se viverá, que permanece em potência de ser” (ANDRADE; SPEGLICH, 2010, p.8).

² Trailer disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=GvyvP0ldyNs>> .

³ Produção nacional de 2003 dirigida por Eliane Caffé.



Fotografia produzida por uma mulher de agricultor que faz parte do Projeto “Olhares cotidianos da certificação Turismo CO₂ neutro: *logos e grafias* de uma transformação na APA Itacaré/Serra Grande/BA” financiado pela Fapesb, envolvendo a Uefs, Uesc, F.E. e Labjor da Unicamp e UdG (Universidade de Girona).

Vento verde inventando o cotidiano dos fotógrafos/agricultores/as na complexidade dos fios, dos fluxos. Vontade de deslizAR. AR. Vida que não se deixa capturar pelo conceito de vida, pela moral da vida. Pela política ideológica da vida. VidAR. Convidando Ana Godoy (2008) ao comentar sobre os fluxos que disciplinam (ou tentam disciplinar) os próprios movimentos da vida. A pesquisadora se junta a Deleuze e Guattari (1997) para observar que os Estados também se compõem, além dos seres humanos, de florestas, campos, animais e mercadorias. Assim, segue Godoy,

Trata-se de legislar e de fazê-lo segundo as leis que o conhecimento dá à vida e que a separam daquilo que ela pode, limitando-a, medindo-a, modelando-a segundo finalidades e funções, preenchendo, dessa maneira, as tarefas de conservação da vida, de adaptação e utilidade, de regulação e reprodução. Neste ponto, conhecimento e pensamento não se distinguem quando submissos à razão e a tudo que a exprime (pp. 99-100).

Neste ponto, chamamos vocês, leitores/as, à indistinção desta submissão e ao quanto ela impede e dificulta a produção de fluxos, conhecimentos, sensações e emoções. SonhAR(-)te. Fabular(-)te. *Se não é, parece que é, tem tudo pra ser, então fica sendo...* nos assusta Biá, personagem de *Narradores de Javé*, o escolhido para escrever o livro da história do vilarejo. Por onde ventam as fabulações nas falas desses

javélicos narradores? Pelos tempos imemoriais de Vicentino, Deodora, Firmino, o Gêmeo e o Outro; o falecido Isaías, Pai Cateto e... Tempos imemoriais a sonharem outras narrativas e... ou (des)narrativas. Propomos aqui algumas experimentações, perguntando às fotografias⁴ abaixo: “que narrativas javélicas vocês nos contam?” Escutemo-las (lê-las seria mais interessante?).



Tempos verdes. Fotografias que observam cachorros e amigos em meio às cores das camisetas. Javé é logo ali, onde a orelha enxerga e a vista escuta. Vou não ir. Esperem, Javé é aquele lugar das águas e do filme!

- Fuja, povo de Javé.
 - Das águas? Vou não ir.
 - Não, dos fantasmas do mato.
 - Isso é só uma sombra. Vou não ir.
 - Mas quem disse que estou falando disso?



A origem de Javé... A origem dos sonhos... Os heróis de Javé... A escrita, a oralidade... a escrita científica... *Vou não ir*, poderia responder um Bartleby⁵ javélico numa posição crianceira diante da vida... “Cut cut cut” a modo de in-venções que

⁴ Fotografias produzidas por agricultores tradicionais da Área de Proteção Ambiental Itacaré-Serra Grande, ao sul da Bahia, como parte do Projeto “Olhares cotidianos da certificação Turismo CO₂ neutro: logos e grafias de uma transformação na APA Itacaré/Serra Grande/BA” financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (Fapesb).

⁵ Personagem de Herman Melville no romance *Bartleby, o escrivão*.

ventam pela narrativa que se quer linear (s)em achar uma linearidade, uma função de causa-efeito, uma multiplicidade de explicações cabíveis para cada desvario, para cada ‘mentira’ que não se adequaria com um modelo de ‘verdade’... Será que as escritas e narrativas científicas seriam enunciados paralisantes e não suportariam a invasão de uma ventania dessa natureza?

In-ventar

(...) Não pojava [o pai] em nenhuma das duas beiras, nem nas ilhas e croas do rio, não pisou mais em chão nem capim. Por certo, ao menos, que, para dormir seu tanto, ele fizesse amarração da canoa, em alguma ponta-de-ilha, no esconso. Mas não armava um foguinho em praia, nem dispunha de sua luz feita, nunca mais riscou um fósforo. O que consumia de comer, era só um quase; mesmo do que a gente depositava, no entre as raízes da gameleira, ou na lapinha de pedra do barranco, ele recolhia pouco, nem o bastável. Não adoecia? E a constante força dos braços, para ter tento na canoa, resistido, mesmo na demasia das enchentes, no subimento, aí quando no lança da correnteza enorme do rio tudo rola o perigoso, aqueles corpos de bichos mortos e paus-de-árvore descendo — de espanto de esbarro. E nunca falou mais palavra, com pessoa alguma. Nós, também, não falávamos mais nele. Só se pensava. Não, de nosso pai não se podia ter esquecimento; e, se, por um pouco, a gente fazia que esquecia, era só para se despertar de novo, de repente, com a memória, no passo de outros sobressaltos (ROSA, 2001, p. 82).

Extras (story-boards)

*é assim que procede a ciência
é o cão chupano mangá*

*se não é, parece que é, tem tudo pra
ser, então fica sendo...*

Logo no início de *Narradores de Javé* temos, na igreja, um diálogo atravessador sobre a escrita científica, que apresenta provas cabais e não essas

‘pataquadas’ inventadas pelas gentes do lugar sobre o patrimônio de Javé: seu povo, suas culturas, a história dos objetos e personagens, o mito heróico da origem. Escritas fixantes e explicativas, o livro de Javé que justifica a permanência do vilarejo a salvo das águas, o conhecimento científico como o espírito salvador do lugar. Em que tensões, situações políticas, religiosas, éticas e estéticas o conhecimento científico e sua propagação, ensino, foram tomadas como a salvação através da previsão-predição da complexidade do mundo?

Ao nos remetermos à fabulação e à indagação sobre a ciência e suas marcas da/com a modernidade, trazemos Bruno Latour nos pensamentos de Ana Godoy (2008); a pesquisadora explora as discussões do sociólogo francês a respeito dos enunciados serem o que paralisa a reflexão sobre o mundo, “(...) na medida em que acomoda todo mundo, menos o mundo” (p. 89). Vem daí o lançamento que propomos ao vento que

percorre o Vale de Javé, à dança dos sentidos das palavras, ao *non-sense* que prolifera pensamentos: “(...) Acreditar na possibilidade de separação entre juízos dos fatos e juízos de valor garante o conforto do pensamento, pois permite omitir todo o arsenal necessário à fabricação e à validação dos fatos, bem como os valores já implicados na sua produção” – continua Ana Godoy (p. 89).

Enunciado, produção de conhecimento científico e conforto do pensamento. Narradores e escritas e ciências que parecem não (re)criarem. Que ciências se narram pelas escritas, em repetições que reafirmam verdades? “Uma coisa é o fato acontecido; outra coisa é o fato escrito”, dirá o javélico narrador... O fato escrito (re)-in-venta o acontecido: “se não é, parece que é, tem tudo pra ser, então fica sendo...” nas/pelas vozes/memórias de Indalécio e Maria Dina; Cosme, Damião e Margarida; Indaleo e Oxum; ou... e...; e... ou...; Vou não ir!

Abrir brechas para o exercício de girar a linguagem, ex-capar, (in)-ventar e escrever uma escrita outra, girando ventos em pensamentos. Seria essa uma *escritapesquisa* científica? *Escrevinharpesquisar* com/por enunciados moventes, na fluidez de pensamentos e imagens. I-mAR-gens. Mar-ginaliz-ação. VentAR e produzir enlouquecido furacão a girar, a esvaziar certezas, verdades. Jorro, ventania que quer arruinar mundos, provocar desmanches nos corpos das orgânicas palavras, fazendo-as vibrAR. Vibração potente a colocar o pensamento a correr, a pensar, a fabular e não apenas a explicar o inexplicável. Seria por essa escrita-mentira que vira verdade? Se o “conhecimento e pensamento não se distinguem quando submissos à razão e a tudo que exprimem” (GODOY, 2008, p. 100), ventAR pensamentos-educação varreria os sentidos de valor que os aprisionam? Água e ar, a (des)terrAR.

(Re)-in-ventação na produção de conhecimento científico se faria ao inundar as javélicas terras da memória, deixando escapar o desejo de conservar e preservar mitos, saberes, origens. Ao manter brancas as páginas da escrita “grande” das memórias javélicas, Biá gestualiza Bartleby e prefere não narrar a odisseia, tentando (des)obedecer e multiplicar a possibilidade de (re)-in-ventar vidas naquele lugar.

Vidas

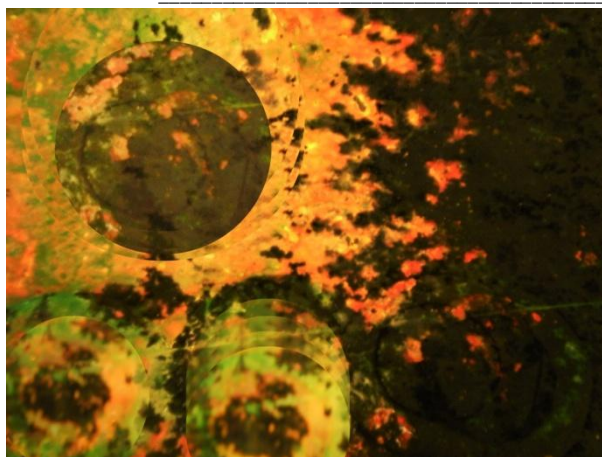


Produção imagética da designer Fernanda Pestana.

*Vida, minha
vida, olha o
que é que eu
fiz! (Chico
Buarque)*

O que poderíamos responder à essa imagem quando ela nos provoca e invoca com os versos da canção de Chico Buarque? Talvez pensAR vida, criando resistência e escapando ao aprisionamento das margens, escolhendo com Guimarães Rosa (2001) a habitar a terceira margem, o não-lugar, “(...) na instalação da possibilidade de devir que se instala a possibilidade de vida e não em uma linearidade representacional que a ligaria ‘simplesmente’ ao conceito de vida” (ANDRADE; SPEGLICH, 2010, p. 12). VidAR, sem deixar-(se) capturar pelo conceito de vida, pela moral da vida. P e l a p o l í t i c a i d e o l ó g i c a da vida.

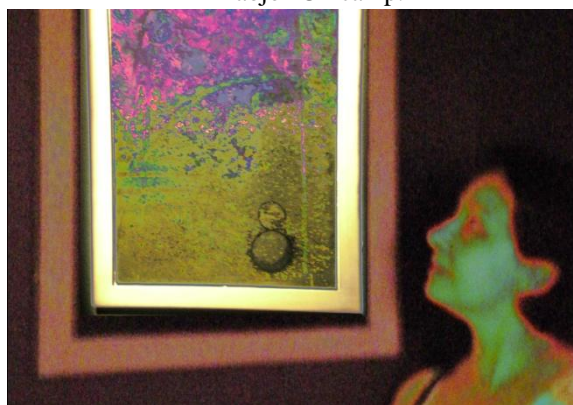
Vida não orgânica, sem sujeito. Vontade de deslizarAR. AR. Borbulhas de vida em telas, quadros de comunidade fugaz, instantânea, que não se aprisiona, incorpórea, organismo que se desorganiza; transformação de vida biológica em arte. Biótopos que interagem com gente, vida reagente, mutante. Incorpóreo que é orgânico – potência do inorgânico desde dentro do orgânico. Ideia de vida que não se efetua, que está sempre em escape; vida para além do encontro dos corpos, vida que é pensamento, pensamento que é indizível. (Des)estabilização, (des)controle do natural; arte como força de inscrição de sentidos outros, vida como (des)controle, como nomadismo, transformação, e novo.



Nas imagens de Bia Porto (2010) ventam ventos de vida soprados em ciência e arte, aposta que já se articula na tese de doutorado *Vida e Arte e Educação e(m) criações* (ROMAGUERA, 2010). Expressão sem pressa. Bioarte, arte-vidante, (in)-ventação de encontros entre-seres.

Arte e vida na provocação do desmantelamento da memória, pela/com/através da expressão. Pensar, pelas sensações com as obras de Eduardo Kac⁶, uma relação de contato/contágio com sentidos de vida, educação e arte. Bioarte especificamente, no sentido de ressoar a vida em sua brutalidade, em sua complexidade, imemorial, caótica, indomável.

Produções imagéticas de Bia Porto, artista plástica e pesquisadora vinculada ao projeto de extensão e pesquisa “Fabulografias em áfricas-cartões-postais”, FE-Labjor-Unicamp.



Para além da função-bio: organismo, vida organizada, o contágio em ambientes de micro vida. Vida viral: micro vida que depende de chegar perto, quer movimentar a ideia de fluxo, de vida. Arte úmida, transgênica, vida plugada, transumana... Possibilidades de interação seres/coisas:

Sou gente-bicho-planta,
 bicho-im-plantado,
 planta-em-bicho-em-gente,
 biopartícula sou.
 Microorganismos em
 comunidades virais.
 Estou... mutante.

Humanos/microorganismos/máquinas em composições, criações... Organismos em placas encharcadas de substância. Matéria reagente. Reage com gente. Rege a gente. Maravilhamento assombroso, assombramento maravilhado: bioarte.

Pelas obras da bioarte que causam estranhamento, repulsa, pode-se pensar, pelo campo das sensações, outras possibilidades de sair desse aprisionamento da

⁶ Imagens disponíveis em: <<http://www.ekac.org/transgenicindex.html>>.

funcionalidade, da função social, da justificativa da ampliação de vida... Kac pensa a criação na vida, da vida, na arte, da arte. Traz possibilidades de pensar em outros territórios que não os da ciência, dando visibilidade a outro per-curso para questões éticas e estéticas. Pela bioarte, provoca, questiona a trans-formação de vidas. Em composição com suas obras, ventAR pensamentos deleuzianos na virtual e inorgânica dimensão de vida, Corpo sem Órgãos, a pulsar nas intensidades incorpóreas resultantes do apagamento da corporeidade; pelas intensidades luz, cor, movimento, deixar-se arrastar pelas sensações a limiares inéditos e provocar outras conexões com o plano educação numa zona de indeterminação, num fluir a-sujeitado. Devir sonhAR-te.

AR nas políticas como gestos de resistência. Inspiração em uma política que “(...) surge como resistência à configuração clássica da filosofia política como ininterrupta inquietação do tempo e da história onde se abre um espaço de envolvimento entre a política, a estética e a poética” (VILELA, 2010, p. 279).

Inspirar. Expirar. Respirar. AR num conceito de política onde sua afirmação decorre duma força desencadeada por ela mesma. Um mantra: “re-conhe-ser-se mortal”. Vida destinada ao desaparecimento e que explode em forças vitais. Sobriedade e dignidade à altura do desmantelamento.

Hi a tAR

Ex is tir

Ex que ser

Que se ex vai

No que se é

Oiá oiá

(...) Na arte ou na filosofia, criar é resistir. A resistência é, então a acção de uma força de *vida-contra-morte* que desalinha as significações estabelecidas, e, no movimento que a constitui, rompe com a ordenação categorial de um fundamento para a existência, afirmando o *devir*, como respiração criadora de *vida*. A resistência é, nesse sentido, acontecimento (VILELA, 2010, p. 292). (GRIFOS DA AUTORA)

Vida que não se deixa capturar pelas cores, sons, conhecimentos, pensamentos da vida

vida que não morte,

vida que não organismo, que morre.

vida que vibra e cintila,

vida que diz: não.

Preferir não, “I would prefer not to”. Tratamento que Melville desprende na resposta de Bartleby. “(...) A fórmula é arrasadora porque elimina de forma igualmente impiedosa o preferível assim como qualquer não-preferido (p. 83) nos coloca Deleuze” (2004), pois o escriturário prefere, inicialmente, não conferir, o que não eliminaria os demais afazeres mas, ao mesmo tempo, ele não prefere as suas outras ocupações, cavando uma “(...) zona de indiscernibilidade, de indeterminação, que não pára de crescer entre algumas atividades não preferidas e uma atividade preferível. Qualquer particularidade, qualquer referência é abolida” (DELEUZE, 2004, p. 83). (ANDRADE, 2006, p. 18-9)

A vida
há que ser
o nada...
Sem/con-texto...
Há que ser
I would prefer
not to
pendurada
por um fio,
varal ao vento...
Há que ser...
I would prefer
not to
Ávida.

Preferiria não... Devir ativo, resistência bartlebiana, dissidência imprevisível que resiste sem se opor, como se criança fosse. Preferir negativamente pensAR vida, tensionando múltiplas possibilidades de sentir e pensar com imagens. “Je suis là!” exclama Henry, personagem do encantador curta-metragem de Jérémy Clapin⁷ *Skhizein*. “Estou lá”, a exatos 91 cm de mim. Perder a referência espaço-temporal; alterar a relação corpo/velocidade/espaco e/ou desrelacionar...; telespectadores (ou nós mesmos?) atirados ao meio da margem, na terceira margem, deslocada por este fluxo...



⁷ As imagens aqui apresentadas foram obtidas desta animação. Mais informações no site <<http://skhizein.com/>>. Produção de 2008, disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=UkiPrd-iH6Y>>.

ventAR

MurmurAR biá

Murmurinhar biá

murmuráguas biá

murmúrio dáguas biá

biá nas páginas

casalhAR cascos em cascalhos

casatear rios risos biá

mARulhAR de lápis em letras

choVER

VER-ter/tigem, vertigem que tinge...

de tinta a pele (ou seriam esquecimentos a serem lembrados?)



Ela se foi, foi para sempre, e você deve estar sofrendo neste instante, ao ouvir a notícia. Acredite em mim, sei como você se sente. Você deve estar um desastre. Mas dê uns cinco minutos, talvez dez. Talvez você possa seguir por toda uma meia hora antes de esquecer.

Mas você esquecerá – eu garanto. Mais alguns minutos e você se dirigirá à porta procurando-a novamente, desabando quando encontrar a foto. Quantas vezes você precisa ouvir a notícia até que alguma outra parte de seu corpo que não esse cérebro arrebatado comece a lembrar? (NOLAN, 2001, p.4)⁸



(des)... AR...mar

⁸ Jonathan Nolan autor do conto “Memento Mori”, publicado no suplemento Mais! da *Folha de S. Paulo* de 12/08/2001 e que serviu de inspiração para a produção cinematográfica *Amnésia* dirigida por Christopher Nolan, 2001, que traz os fotogramas aqui congelados.

Outra parte do corpo que não esse cérebro arrebentado. Essa memória que arrebenta o que não faz sentido. Mas o que faz sentido? A realidade? A distinção da realidade junto à ficção e à imaginação? O sonho? A centralidade e justeza pensamento-memória-narrativa? “91 centímetros. Eu estava exatamente 91 centímetros de mim mesmo” nos avisa Henry. Des-locar. Des-narrar. Des-*amarr*AR. “Agora, é apenas uma questão de organização. Ser bem organizado é tudo”, Henry nos alerta. Organização que parece clamar o personagem Leonard Shelby (Guy Pearce) do conto *Memento Mori* que inspira a produção cinematográfica *Amnésia*. Tatuagens, fotos, post-its. Mementos de memória deslocada? Des des des desr desdrdr der der derfderfv dervdrv drv devir-teclado... em um potente vir-a-ser que não se liga nem a lembranças, nem ao vivido, nem ao que se viverá, que permanece em potência de ser, pois



(...) quando o hábito e a memória se submetem a casa e o território, como se estes pudessem existir independentemente do animal que os recorta, não é a arte que se torna impossível – pois ela é neste momento o consolo tão almejado –, é a vida mesma que adoce do medo de viver (GODOY, 2008, p. 265).

Extras (story-boards)

*é assim que procede a ciência
se não é, parece que é, tem tudo pra ser,
é a vida mesmo que adoce*

*é o cão chupano manga
então fica sendo...
com medo de viver...*

“Evidentemente, você não pode prever tudo”, adverte-nos Henry. Seria muito interessante que Leonard ouvisse Henry e Ana Godoy. O que conseguiríamos prever ao fixar as linearidades das narrativas (não somente as científicas) e das memórias que insistem em não serem lembradas? Des-locar as narrativas, (des)narrá-las, seria escrevê-las nesse teclado de papelão, a 91cm da ‘verdadeira’ máquina? Devir teclas? Talvez essas (des)narrações sejam as histórias mínimas. Um gesto vivo. DesARmar, na desarrumação do mar. MareAR. MAREjar.

Mar que sempre invade meus sonhos e quase nunca me lembro deles. Sonho e esquecimento como nos traz Christopher Nolan em duas de suas produções

cinematográficas. Sertão que vira mar como nos versos da canção de Sá e Guarabira e em *Narradores de Javé*. Mar de cores que areja esse texto nas imagens de Fernanda Pestana e nos coloca a 91cm de nós mesmos. Na terceira margem do rio. Rio que deságua no mar que invade sonhos. “Minha alma de sonhar-te anda perdida!”⁹.



“Minh’alma, de sonhar-te, anda perdida...” Fotografia de India LuaSelvagem disponível em http://br.olhares.com/minhalma_de_sonhar_te_anda_perdida_foto732534.html Postada em 13/07/2006

Adeus, saionará e salamaleques.

Referências Bibliográficas

ANDRADE, Elenise C. P. 2006. *A superfície ex-cri(p)ta em professores e professoras: curri, corre, colares, dores simulando silêncios ensurdecedores*. (Tese de doutorado). Campinas: Faculdade de Educação-Unicamp-SP.

ANDRADE, Elenise C. P; CAMACHO, Marcelly. Arte dos problemas e/ou problemar (-)te. 2010. In: *Anais do IV Colóquio Internacional “Educação e Contemporaneidades”*. Laranjeiras-SE. Disponível em <http://www.educonufs.com.br/ivcoloquio/cdcoloquio/eixo_10/e10-08.pdf> Acesso em: jan de 2011.

⁹ Poema de Florbela Espanca – *Fanatismo*. Fagner a musicou com uma canção homônima.

- ANDRADE, Elenise C. P; SPEGLICH, Érica. Imagens a fabular ambientes: desejos, perambulações, fugas, convites. 2010. In: *Anais da 33ª Reunião Anual da ANPED*. Caxambu-MG. Disponível em:
<http://www.anped.org.br/33encontro/app/webroot/files/file/Trabalhos%20em%20PDF/GT22-6691--Int.pdf> Acesso em: jan. de 2011.
- DELEUZE, Gilles. (1992). *Conversações*. Trad. de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed.34.
- _____. *Crítica e Clínica*. (1997). Trad. de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34.
- DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Félix. (1977). *Kafka: por uma literatura menor*. Trad. de Julio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (2004). *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. 2ª reimpressão. Trad. de Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. São Paulo: Ed. 34, vol. 3.
- GODOY, Ana. (2008). *A menor das ecologias*. São Paulo : Edusp.
- MELVILLE, Herman. (2005). *Bartleby, o escrivão*. São Paulo: CosacNaify.
- NOLAN, Jonathan. (2001). Memento Mori. Suplemento Mais! Jornal *Folha de S. Paulo* de 12 de ago.
- ROSA, João Guimarães. (2001). A terceira margem do rio. In: *Primeiras estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- VILELA, Eugénia. (2010). *Silêncios tangíveis: corpo resistência e testemunho nos espaços contemporâneos de abandono*. Porto: Edições Afrontamento.

Filmografia:

- Amnésia*. 2001. Dirigido por Christopher Nolan, EUA.
- A Origem* . 2010. Dirigido por Cristopher Nolan, EUA.
- Narradores de Javé*. 2003. Dirigido por Eliane Caffé, Brasil.
- Skhizein*. 2008. Curta-metragem dirigido por Jérémy Clapin, França.

Sites consultados:

- <http://www.ekac.org/transgenicindex.html>.
- <http://www.youtube.com/watch?v=UkiPrd-iH6Y>
- <http://www.dicionarioinformal.com.br/buscar.php?palavra=salamaleque>

Data de Recebimento: 01/03/11
Data de Aprovação: 08/06/11

Para citar essa obra:

ANDRADE, Elenise Cristina Pires de; ROMAGUERA, Alda Regina Tognini.
Sonhar-te e(m) vidas. (Des)narr-ar... RUA [online]. 2011, no. 17. Volume 1 -
ISSN 1413-2109

Consultada no Portal Labeurb – Revista do Laboratório de Estudos Urbanos do
Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade

<http://www.labeurb.unicamp.br/rua/>

Laboratório de Estudos Urbanos – LABEORB
Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade – NUDECRI
Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP

<http://www.labeurb.unicamp.br/>

Endereço:

Rua Caio Graco Prado, 70

Cidade Universitária “Zeferino Vaz” – Barão Geraldo

13083-892 – Campinas-SP – Brasil

Telefone/Fax: (+55 19) 3521-7900

Contato: <http://www.labeurb.unicamp.br/contato>